

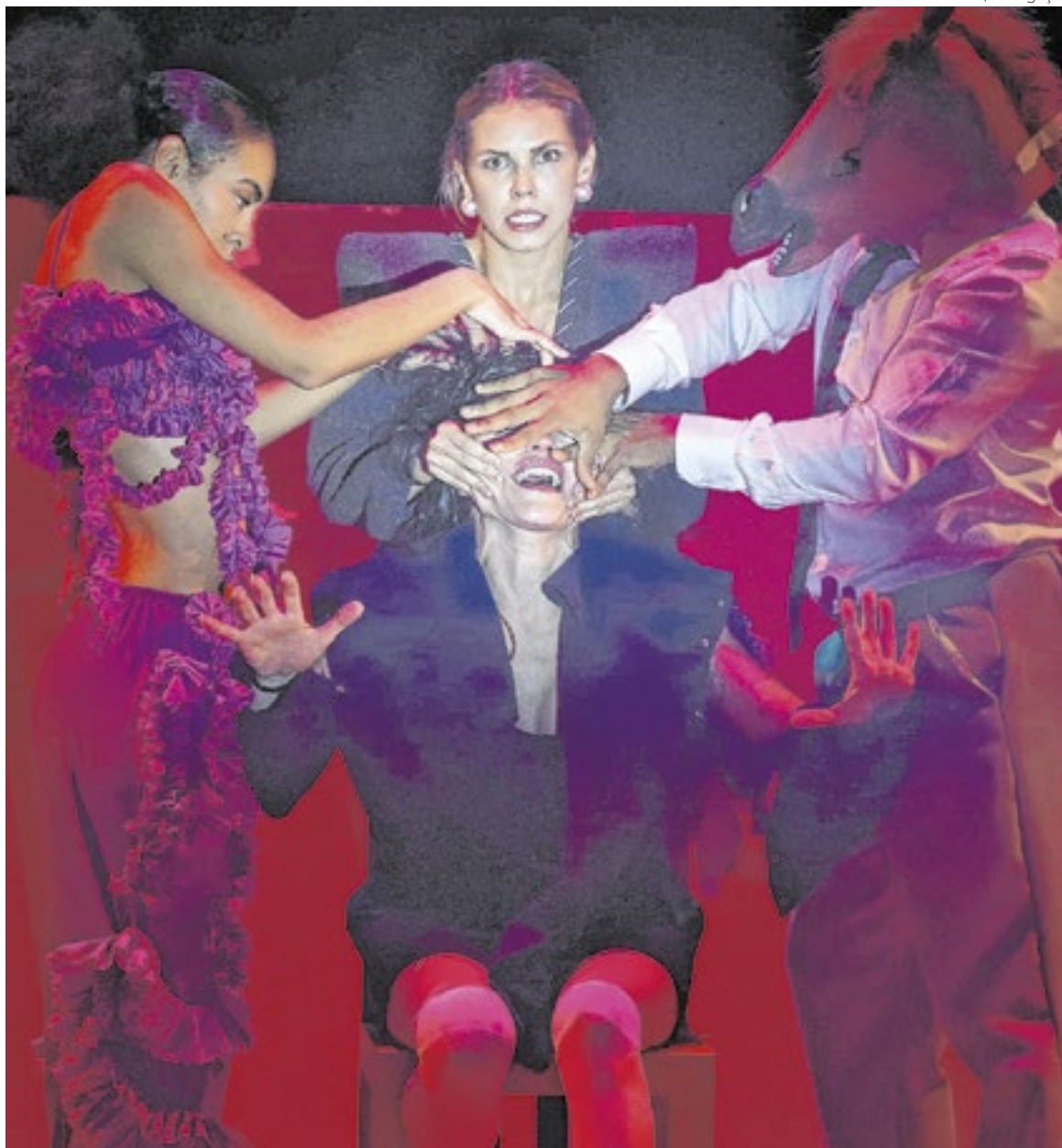
Um mundo onde só a produtividade interessa

‘Felizarda’ reflete sobre os males da hiperprodutividade na sociedade moderna

A temporada teatral de 2025 se encerra nesta semana e novos espetáculos chegam aos palcos cariocas na segunda quinzena de janeiro. Mas alguns, no entanto, retornam para nova temporada. É o caso de “Felizarda”, que explora os efeitos da hiperprodutividade na psiquê contemporânea que terá apresentações no Teatro Gláucio Gill até 14 de fevereiro.

Em tempos de cultura da produtividade incessante e fronteiras cada vez mais borradas entre vida pessoal e profissional, a montagem propõe uma reflexão tragicômica sobre a alienação no mundo corporativo. “Felizarda” nasceu do desejo das atrizes Bella Camero e Louise D’Tuani de trabalharem juntas em um projeto que dialogasse com as neuroses do nosso tempo. Para isso, procuraram a dramaturga Cecília Ripoll.

A história acompanha uma pessoa recém-contratada por uma empresa cujo produto ela desconhece completamente. Enquanto tenta descobrir qual é, afinal, sua função, ela se vê envolta em situações que expõem as histerias típicas de um ambiente hiperprodutivo, onde a comunicação falha sistematicamente e o trabalho invade todas as esferas da existência. “Buscávamos algo para montarmos, que falasse da sociedade de hoje, sem perder o humor. Estamos tão focados em provar que podemos ser eficientes e produtivos 24 horas por dia que nos alienamos. Não nos conectamos mais nem com os nossos sentimentos e



Cassandra Mello/Divulgação

nem com as outras pessoas. Assim, ficamos cada vez mais sozinhos”, explica Louise D’Tuani.

A escolha de não nomear os

Personagens sem nome evidenciam como pessoas são descartáveis no mundo laboral

personagens reforça a crítica à lógica corporativa. “Queremos mostrar que, pela lógica do mundo corporativo, somos todos facilmente subs-

tituíveis”, comenta Bella Camero. Assim, os intérpretes são designados apenas como Vizinho de Mesa (Felipe Haiut), Mentora (Louise D’Tuani), Felizarda (Bella Camero) e Esposa da Felizarda (Sol Menezes). A ausência de nomes próprios funciona como dispositivo dramático que universaliza a experiência retratada.

A encenação imaginada pela diretora Beatriz Barros dissolve propositalmente a fronteira entre casa e trabalho, misturando situações profissionais e pessoais. A cenografia de Pedro Levorin traz elementos híbridos que evocam esses dois ambientes simultaneamente.

“Felizarda’ cria uma distopia contemporânea não situada no tempo — poderia acontecer no passado, no presente ou no futuro”, diz a diretora. Essa atemporalidade reforça o caráter universal das questões abordadas, que transcendem contextos históricos específicos para dialogar com estruturas mais profundas do capitalismo contemporâneo. Entre o absurdo e o cotidiano, o espetáculo traça um retrato das angústias de um mundo onde sintomas psíquicos brotam ao ritmo frenético da hiperprodutividade.

SERVIÇO

FELIZARDA

Teatro Gláucio Gill (Praça Cardeal Arcoverde, s/nº - Copacabana)
Até 19/12 e de 14/1 a 6/2, às quartas, quintas e sextas (20h)
Ingressos: R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

Microfone aberto para destrancar cadeados heteronormativos

‘Chaves do Armário’ entra na última semana de temporada no Teatro II do CCBB

Há canções que funcionam como gatilhos emocionais, capazes de nos fazer refletir sobre quem somos e ensaiar, mesmo que sozinhos, outras versões de nós mesmos. É dessa potência transformadora da música que nasce “Chaves do Armário”, espetáculo em cartaz no Teatro II do Centro Cultural Banco do Brasil. A montagem marca os 30 anos de carreira e 50 anos de vida de Cristina Flores, que assina idealização, texto e atuação.

A obra utiliza o repertório de

Zélia Duncan e Lulu Santos como fio condutor de uma narrativa sobre libertação e afirmação pessoal. Dirigido por Cristina Flores e Nara Parolini, o espetáculo conta com participações ao vivo da musicista e atriz Angeliq Farnocchia, responsável pela direção musical, e do ator Felipe Maia.

Misturando linguagens de teatro, cinema, stand-up, musical e karaokê, a comédia romântica se passa num bar onde a protagonista ensaia



Ana Alexandrino/Divulgação

‘Chaves do Armário’ trata dos gatilhos emocionais sobre sexualidade despertado por canções

sua existência através do microfone aberto. Fã de Zélia Duncan, a personagem encontra nesse espaço o caminho para destrancar os cadeados da heteronormatividade compuls-

sória e da homofobia internalizada. O ex-namorado, admirador de Lulu Santos, aparece em projeções cinematográficas interpretadas por Álamo Facó, com participação de Rodrigo Nogueira.

De forma deliberada, a dramaturgia espelha as trajetórias de dois artistas que, em momentos distintos, assumiram publicamente

fazer parte da comunidade LGBTQIAPN+. “Chaves do Armário’ é menos uma peça sobre ‘quando’ alguém sai do armário, e mais sobre como isso se faz: com risco, com humor, com fantasia, com arte e... cantando!”, afirma Flores, vencedora do Prêmio Questão de Crítica e indicada aos prêmios Shell e Coca-Cola de Teatro.

A produção é da Queerioca, primeiro Centro de Artes e Cultura LGBTQIAPN+ do Rio, fundado por Cristina Flores e Laura Castro, que assina a direção de produção. O espaço receberá o espetáculo a partir de janeiro.

SERVIÇO

CHAVES DO ARMÁRIO

Teatro II CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro) | Até 21/12, de quinta a sábado (19h) e domingo (18h)
Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)